



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17788 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

O QUE NOS CONTAM AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: entre saberes, lutas e (re)existências

Clenia de Jesus Pereira dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Iran de Maria Leitão Nunes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

O QUE NOS CONTAM AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: entre saberes, lutas e (re)existências

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo deriva de uma pesquisa de doutorado em andamento, que discute os saberes e os percursos formativos das Quebradeiras de Coco Babaçu da Comunidade Pedrinhas, no Município de Itaipuru Mirim, Maranhão. E tem como propósito reunir um arcabouço teórico acerca dos diferentes saberes que subsidiam o percurso formativo dessas mulheres e averiguar como os saberes adquiridos nesse percurso fortalecem suas organizações enquanto estratégias de vida na comunidade.

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), inaugurado nos anos 1990 e protagonizado por essas mulheres, abrange quatro estados: Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará. Os estudos de Barbosa (2013) revelam que esse movimento se confunde com a trajetória de luta das quebradeiras de coco, considerando que cada espaço conquistado por elas resultou da percepção que emergiu das condições de trabalho e dos espaços negados ao seu protagonismo enquanto mulheres que exerciam vários papéis no cotidiano.

Segundo Oliveira (2022). Para além do labor, elas dialogam em rodas e dão voz aos seus problemas, que, no diálogo e na escuta mútua, promovem o alívio da dor, pois “é como se o verde das folhas, o ar, o sol e a própria atividade de quebrar coco as fizessem esquecer as percepções dolorosas do ambiente da casa” (Santos, 2021, p. 83).

As lutas pela defesa de seus direitos visam transformar e romper com determinadas estruturas políticas e sociais que conjugam colonialismo, capitalismo e patriarcado. São os saberes que emergem dessas lutas (Gomes, 2017) que contribuem para que elas se posicionem diante das situações que as cercam, para agir, e para “perceber que os espaços da

política, os espaços da fala pública, os espaços além-casa também lhes pertencem” (Carvalho; Macedo, 2019, p. 421).

Como questão temos: Como os saberes, as lutas e as (re)existências das quebradeiras de coco babaçu em Pedrinhas, Itapecuru, Maranhão, se articulam e se entrecruzam no seu cotidiano? Nessa perspectiva, buscamos analisar as narrativas das quebradeiras de coco babaçu em Pedrinhas, com o intuito de compreender como suas lutas e saberes contribuem para a construção de suas histórias e para a manifestação de suas (re)existências.

A orientação teórico-metodológica está referenciada nas narrativas em Jovchelovitch e Bauer (2015); na memória, com Portelli (2012); nos saberes que emergem das lutas dos Movimentos Sociais (Gomes, 2017), Collins (2019), que discute sabedoria e experiência de mulheres negras; Oyewùmi (2021), que discutem cosmopercepção; e autorias que estudam as quebradeiras de coco babaçu como Barbosa (2013) e Carvalho e Macedo (2019).

O artigo está organizado em seções que compreendem: introdução; noções sobre saberes de quebradeiras de coco e suas interepistemias; MIQCB como espaço de lutas e resistência; vozes de quebradeiras de coco babaçu de Pedrinhas.

2. SABERES DE QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU E SUAS INTEREPISTEMIA

Segundo Carvalho e Vianna (2020), a aposta política do Encontro de Saberes configura-se, por um lado, a possibilidade de que as Ciências Sociais reconheçam os saberes tradicionais e populares como saberes tão valiosos quanto os saberes científicos, que não sejam julgados apenas como objetos de estudos, mas sobretudo que sejam referências de conhecimentos tão válidos quanto os modernos. Outro aspecto é que reconheçam os(as) sábios(as) tradicionais, ou os mestres(as) dos seus saberes, como pares, capazes e aptos a ocuparem um lugar de sujeito suposto saber.

Oliveira (2022) pontua os saberes desenvolvidos pelas quebradeiras de coco em diferentes estações: ir para o mato, exige saber se localizar no espaço da floresta e demarcar a trilha para não perder de vista a trajetória do retorno para casa; após identificar as palmeiras é preciso saber escolher o coco; a quebra do coco requer saber utilizar as ferramentas; fazer o azeite demanda saber medir a quantidade de coco e o ponto certo do azeite. Para ela, são diferentes saberes que atravessam as histórias, as relações e as identidades das mulheres quebradeiras de coco, e que o cosmoperceber^[1] esses saberes só serão possíveis a partir de um olhar dedicado e se a capacidade de escuta permitir “registrar o esforço para ouvir e permitir que as vozes das Quebradeiras de coco ressoem nessas breves linhas em direção a uma autoria plural” (Oliveira, 2022, p. 35).

Oliveira (2023) apresenta narrativas de suas interlocutoras em que expressam os saberes das quebradeiras no processo da produção do azeite que incluem:

Saber quais cocos estão bons para azeite e como quebrá-los requer a mobilização de várias estratégias. Para isso, algumas ideias matemáticas (matema) são mobilizadas

nesse momento, como reconhecer, comparar, avaliar, posicionar o corpo e se localizar no espaço(...) para retirar as amêndoas do interior do coco, as Quebradeiras utilizam artefatos como o *cofo*, o *cacete* e o *machado*. O *cofo* é um tipo de cesto confeccionado com a palha do babaçu, utilizado para o transporte das amêndoas e das cascas. O trançado do cofo possui um padrão geométrico, semelhante ao cesto utilizado por inúmeras etnias indígenas. O *cacete* é um pedaço de madeira em formato cilíndrico e o machado possui uma cunha de metal (Oliveira, 2023, p. 1.006).

Fazer um diálogo interepistêmico de diferentes mundos colabora para que “o processo de ensino-aprendizagem não privilegie apenas o campo intelectual, convocando o corpo e os sentidos para participarem no trabalho formativo.” (Carvalho, 2023, p. 05), e:

E o desafio posto à academia é superar o nível disciplinar e alcançar - ou ao menos vislumbrar - a perspectiva inter/transdisciplinar e polímata do mestre, que mesmo na condição de professor substituto ou visitante – portanto, temporário – coloca-se como referência para um rearranjo epistêmico do funcionamento do nosso ensino superior. (Carvalho, 2023, p. 29)

Para o autor, os (as) mestres (as) do saber tradicional, dominam a totalidade do processo de construção do seu trabalho. A exemplo, quando o assunto é a construção de uma casa, a compreensão perpassa pela coleta da madeira, das palhas para fazer a cobertura, a construção da casa. Assim, o caminho que faremos para abordar sobre os saberes das quebradeiras de coco, perpassam pelos saberes tradicionais, fazendo a opção pelos saberes que emergem das lutas dos Movimentos Sociais (Gomes, 2017).

3. O MIQCB COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE LUTAS

Para Gomes (2017) é comum ouvirmos entre os(as) educadores(as) que apostam numa teoria crítica educacional a afirmação de que os movimentos sociais educam e reeducam a sociedade, o Estado e a escola. Nessa perspectiva Arroyo (2012) alerta que:

Os movimentos sociais trazem para a pedagogia algo mais do que conselhos moralizantes tão do uso das relações entre mestres e alunos (...) eles reeducam os indivíduos, os grupos e a sociedade. Mostram a urgência do reencontro da pedagogia com essas dimensões éticas tão determinantes nas possibilidades de formação e humanização inclusive da infância popular que conduzimos como educadores. (Arroyo, 2012, p.42-43).

Para Gomes (2017), é comum ouvirmos que tais movimentos constroem uma pedagogia própria que tensionam a pedagogia escolar. Indagações postas pela autora: Quais são os efeitos dessas Pedagogias dos Movimentos Sociais? Nessa perspectiva, qual será o lugar dos movimentos que lutam pelo reconhecimento e pela afirmação das diferenças como Movimento de Mulheres, o Movimento dos indígenas, o Movimento Negro?

As quebradeiras de coco estão imersas nesses movimentos mencionados pela autora. Por sua matriz étnica ser de origem indígenas e africana elas estão nos Movimentos Indígenas, Movimento Negro e no Movimento de Mulheres. Convém interpelar: O Movimento Interestadual das Quebradeiras de coco babaçu é visto como um movimento

social que vem causando inflexão nas políticas sociais? E nas Políticas educacionais, nos currículos e nas práticas pedagógicas? Os saberes produzidos pelo MIQCB dialogam com os saberes acadêmicos das universidades? Dialoga com os saberes escolares, sobretudo das escolas do campo?

Para a autora, a relação ambígua estabelecida pelos Movimentos e pela escola exige uma reflexão mais profunda. A tensa relação entre conhecimento científico e outras formas de conhecer extrapola o mundo da ciência e atinge a sociedade de modo geral nesse processo algumas instituições podem ser mais ou menos afetada e na opinião dela, a escola é uma das principais instituições mais afetadas por essa tensão “pois ela é socialmente responsável pela transmissão e socialização do conhecimento”. (Gomes, 2017. p. 53).

Para (Collins, 2019), a experiência como critério de significação, combinada com o emprego de imagens práticas como veículos simbólicos, é um princípio epistemológico fundamental dos sistemas de pensamento. Ela apresenta a proclamação de *Soujourner Truth* ^[2] “Olhem para o meu braço” “Eu arei, plantei, e estoquei alimentos em celeiros, e nenhum homem teria sido melhor do que eu! E eu não sou uma mulher?”. Recorre a exemplos da sua própria vida para simbolizar novos significados. A autora pontua exemplos de mulheres acadêmicas que mesmo tendo pleno domínio da epistemologia acadêmica, sempre recorrem às suas experiências, ao vivido para desenvolver suas pesquisas. “Como minha mãe me ensinou a ser uma historiadora, apesar do meu treinamento acadêmico” Joyce (1972 *apud* Collins, 2019, p. 150).

4 . VOZES DE QUEBRADEIRAS DE COCO BABÇU DA COMUNIDADE PEDRINHAS

A Comunidade de Pedrinhas, localizada na zona rural do município de Anajatuba (MA) e acessível pela BR-135, é marcada por uma história que remonta à segunda metade do século XIX. A comunidade preserva formas tradicionais de organização cultural e social ancorada na ancestralidade. Sua história remonta à vida cotidiana dos descendentes de africanos, sendo que traços da cultura africana ainda são perceptíveis na ocupação do espaço, como laços de parentesco e vizinhança, relação de compadrio. Muito presente nos valores civilizatórios dos quais defende Trindade (2005, p. 33). Dos valores citados por ela, podemos identificar alguns presentes na Comunidade Pedrinhas: a oralidade, a circularidade e a cooperatividade.

Os 18 Princípios do Mulherismo Africana à luz do pensamento de Anin Urasse (2019): centralidade na família; fortaleza, unidade e autenticidade- quando estudamos a história das mulheres Africanas e da Diáspora, não é de mulheres fracas que nunca trabalharam, mas é de mulheres fortes que fazemos referência.

Mulheres que têm respeito aos mais velhos, pois a tradição foca nos ancestrais, mulheres idosas como referência. Maternidade – uma vez que na tradição africana a

maternidade não é um peso. Sustento dos filhos, visto que um(a) filho(a) é da comunidade. Todos se importam com a sua educação; reconhecimento pelo outro. Essas características fortalecem as trocas simbólicas e reforçam a produção biológica e cultural, assemelhando-se a outras comunidades quilombolas próximas. Esse princípio nos remete a duas crianças órfãs que moram na comunidade de Pedrinhas e que são cuidadas pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu.

O contexto organizacional das Quebradeiras de Coco Babaçu da Comunidade Pedrinhas, optamos por focar em duas organizações principais: o Clube de Mães e a Agroindústria, esta última oficialmente designada como a organização responsável pela produção dos derivados do coco babaçu. Neste estudo, fizemos entrevistas com seis moradoras da comunidade, sócias dessas instituições, abrangendo duas gerações: uma composta por mulheres com idades entre 50 e 70 anos, e outra mais jovem. Priorizamos perguntas que se relacionam ao surgimento das organizações, aos critérios para se tornar sócia, à participação e à relação entre as mulheres que coordenam essas organizações.

A Agroindústria, surgiu dentro do Clube de Mães, por iniciativa de uma moradora vinculada à agricultura, que alcançou cargos públicos no município de Itapecuru Mirim. Foi durante sua atuação como Secretária de Agricultura que ela estabeleceu parcerias com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), trazendo cursos para a produção de biscoitos, sorvetes, café e outros derivados do babaçu. O trabalho ganhou notoriedade com o apoio dessa moradora, que contribuiu significativamente para o fortalecimento das mulheres e a expansão da organização.

Apesar de a Agroindústria não ser formalmente registrada, todos os documentos são emitidos pelo Clube de Mães. Para integrar a Agroindústria, é necessário ser residente da comunidade e associada ao Clube de Mães. Atualmente, a Agroindústria conta com 15 sócias, divididas em três equipes: administrativa, de produção e de transporte dos produtos.

Cada gestão das organizações mencionadas possui autonomia para tomar decisões em seus respectivos espaços, mas complementam e apoiam-se mutuamente. Conforme o relato de uma das colaboradoras da pesquisa, "tudo que vem para a comunidade quem administra é o Clube de Mães. Nós fazemos a gestão de tudo na comunidade e a nossa relação com os homens é muito tranquila. "Os projetos que nós desenvolvemos são também de interesse deles. Enquanto cuidamos da produção dos derivados do babaçu, eles cuidam das roças e da casa de farinha. Nós não colocamos só de interesse do babaçu, mas também da Agricultura Familiar." (Quebradeira de Coco de Pedrinhas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo faz uma incursão teórica sobre saberes, lutas e resitências de quebradeiras de coco babaçu. Ao analisar as narrativas das quebradeiras de coco babaçu em Pedrinhas,

com o intuito de compreender como suas lutas e saberes contribuem para a construção de suas histórias e para a manifestação de suas (re)existências, é perceptível nas pesquisas já realizadas a construção do quão necessário a importância de comprimir a distância entre saberes acadêmicos e escolares e saberes tradicionais.

Tanto a revisão da literatura quanto dados empíricos deste estudo evidenciam o potencial das quebradeiras de coco, a pluralidade de saberes e a capacidade de mobilizar estratégias para gerir suas vidas e da comunidade no que tange as suas subjetividades dentre outros campos: político, econômico, social e cultural.

As organizações sociais dentro da Comunidade Pedrinhas revelam uma estrutura de poder e liderança centrada nas mulheres. Essa centralidade não só denota a importância do papel da mulher na gestão comunitária, como também evidencia uma articulação coletiva em prol do desenvolvimento local. A dependência excessiva de um único CNPJ, o do Clube de Mães, para gerenciar diversas atividades, pode ser vista como uma fragilidade institucional, pois concentra as responsabilidades e riscos administrativos em uma única organização. Essa situação poderia ser mitigada por meio da formalização da Agroindústria e outras iniciativas comunitárias, distribuindo de forma mais equitativa o poder e as responsabilidades.

Por fim, a divisão de responsabilidades entre homens e mulheres, descrita como "tranquila" pelas quebradeiras, sugere uma dinâmica de gênero que, embora aparentemente harmônica, merece uma análise mais profunda sobre as relações de poder implícitas e as possíveis tensões ou desigualdades subjacentes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do Babaçu**: Gênero, materialismo e movimentos sociais no Maranhão. 2013. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em História, História Geral, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013;

CARVALHO, José Jorge et. al. Encontro de Saberes. Uma Experiência de Ensino e Aprendizagem no curso de Licenciatura em Música e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. Tucunduba, n. 5, p. 4-11, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNADINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e Pensamento Diáspórico**. v.1. 2. ed; 4. reimp. p.139-181. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, /S. /I., v. 15, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acessado em: 1 dez. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.p. 90-113.

OLIVEIRA, Kelly Almeida de. **A docência entre o “cofo”, o “cacete” e o “machado”**: cosmoperceber saberes com quebradeiras de coco babaçu em processos de ensino e aprendizagens. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática). Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

CARVALHO, Andressa de Veras; MACEDO, João Paulo. As guerreiras do babaçu: Mulheres quebradeiras de coco em movimento. **Estud. pesqui. psicol.** vol.19 no.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000200005>. Acesso em 3 ago. 2024.

SANTOS, J. L. dos. **As filhas das palmeiras do coco babaçu**: Memórias e resistências nos modos de vida de quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins – TO. 143p. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudo de Cultura e Território). Araguaína: Universidade Federal do Tocantins, 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: **Valores afro-brasileiros na Educação**. Boletim, v. 22, 2005. p. 30-36. (Salto para o Futuro).

PAIVA, Valdir. **Historicidade e identidade Quilombola em Anajatuba**-Maranhão. Dissertação(Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico) Instituto Politécnico da guarda-Portugal, p.165.2018.

CARVALHO José Jorge de, VIANNA C. R., Letícia. **O Encontro de Saberes nas Universidades**: uma síntese dos dez primeiros anos. Revista Mundaú, 2020, n. 9, p. 23-49.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OLIVEIRA, K. A. DE . et al. Tirar azeite de coco babaçu: Educação Matemática em comunidades quilombolas. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 37, n. 77, p. 997–1016, 2023. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1980-4415v37n77a04>>. Acesso em 15 jul. 2024.

CARVALHO, J. J. de; VIANNA, L. O encontro de saberes nas universidades: uma síntese dos dez primeiros anos. **Revista Mundaú**, Maceió, n. 9, p. 23-49, 2020.

CARVALHO, José Jorge de. Universidade aberta a novos saberes, sujeitos e epistemologias: um modelo para a refundação das universidades brasileiras. **Cienc. Cult.** [online]. 2023, vol.75, n.1, pp.01-08. ISSN 0009-6725. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20230002>>. Acesso em 25 jul. 2024.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

URASSE, Anin. Uma introdução aos 18 princípios ao Mulherismo Africana. 2019. In: UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS. **Epistemologias do Renascimento Africano**: Coleção Pensamento Preto. São Paulo: Editora Filhos da África, 2019, p. 301-315.

[1] É uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. (...) será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos. (A invenção das Mulheres, 2021).

[2] *Sojourner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Van Wagenen, em 1797, foi tornada livre em 1787, Viveu alguns anos com a família Quaker, onde recebeu alguma educação formal. Em 1843 mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da Verdade). (Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 08/08/2024).*